

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E VETERINÁRIAS

GIOVANNA SIQUEIRA ROQUE DE OLIVEIRA

PLANEJAMENTO FINANCEIRO PESSOAL E SUA INFLUÊNCIA NA
TOMADA DE DECISÕES

JABOTICABAL
2025

GIOVANNA SIQUEIRA ROQUE DE OLIVEIRA

**PLANEJAMENTO FINANCEIRO PESSOAL E SUA INFLUÊNCIA NA
TOMADA DE DECISÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Administração da Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Adriano dos Reis Lucente

JABOTICABAL
2025

O48p

Oliveira, Giovanna Siqueira Roque

Planejamento financeiro pessoal e sua influência na tomada de decisões / Giovanna Siqueira Roque Oliveira. -- Jaboticabal, 2025
45 p. : tabs.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Administração) -
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências
Agrárias e Veterinárias, Jaboticabal

Orientador: Adriano dos Reis Lucente

1. Empresas Finanças. 2. Educação financeira. 3. Finanças pessoais.
4. Controle financeiro. I. Título.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus Jaboticabal



GIOVANNA SIQUEIRA ROQUE DE OLIVEIRA

PLANEJAMENTO FINANCEIRO PESSOAL E SUA INFLUÊNCIA NA TOMADA DE DECISÕES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Jaboticabal, para obtenção do título de Bacharel em Administração.

Área de Concentração: Finanças

Data da defesa: 27/11/2025

☒ Aprovado
☐ Reprovado

Banca Examinadora:


Prof. Dr. Adriano dos Reis Lucente

UNESP – Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias – Campus de Jaboticabal


Prof. Dr. Sérgio Rangel Fernandes Figueira

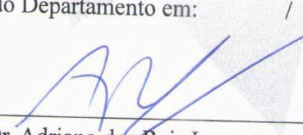
UNESP – Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias – Campus de Jaboticabal


Prof. Dra. Luciana Aparecida Barbieri

FATEC - Faculdade de Tecnologia - Jaboticabal

Ad Referendum 04/12/2025

Aprovado em reunião do Conselho do Departamento em: / /


Prof. Dr. Adriano dos Reis Lucente
Chefe do Departamento

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que iluminou meus caminhos e me concedeu saúde e sabedoria para enfrentar os desafios desta jornada acadêmica..

Aos meus pais, pelo incentivo constante e por serem meu alicerce e meus maiores exemplos de vida. Obrigada por investirem em minha educação, apoiarem e acreditarem nos meus sonhos. Ao meu irmão e familiares, por sempre estarem presentes em todas as fases da minha vida e pelo carinho que sempre tiveram comigo.

Ao meu orientador, pela paciência, direção e contribuições valiosas durante todo o processo de escrita e análise de dados.

Aos meus amigos, tanto os de longa data quanto os que a faculdade me presenteou, pelo companheirismo e apoio durante a graduação.

Por fim, agradeço a todos os respondentes que contribuíram com a coleta de dados e foram essenciais para a execução deste trabalho.

RESUMO

Este estudo analisou a influência do planejamento financeiro pessoal na qualidade das decisões financeiras, identificando correlações estatísticas e padrões comportamentais. A pesquisa utilizou abordagem quantitativa com questionário estruturado aplicado a 30 respondentes através do Google Forms. Para a coleta de dados, utilizou-se uma amostragem não probabilística intencional, buscando variedade no perfil dos 30 respondentes quanto a gênero, faixa etária e ocupação. Os dados foram tratados através do desenvolvimento de 5 construtos independentes (IPF, II, Q1, CI, IS) utilizando escala Likert de três pontos, permitindo mensuração objetiva dos comportamentos financeiros. A análise correlacional (Spearman) confirmou que o planejamento financeiro exerce influência significativa na qualidade das decisões, com correlação forte entre planejamento (IPF) e investimento (II) ($\rho = 0,724$) e moderada entre conhecimento e planejamento (IPF) ($\rho = 0,539$). O planejamento financeiro pessoal demonstrou ser um fator determinante que influencia positivamente a qualidade das decisões. Identificou-se um paradoxo comportamental importante: embora a maioria dos respondentes apresenta bom nível de administração de recursos, uma parcela significativa ainda toma decisões por impulso ocasionalmente. Com isso, o controle de impulsos emergiu como principal área de melhoria, indicando necessidade de abordagens educacionais que integrem aspectos cognitivos e comportamentais. O estudo contribui para a literatura nacional fornecendo evidências empíricas sobre como o planejamento financeiro influencia as decisões no contexto brasileiro, oferecendo subsídios para desenvolvimento de políticas de educação financeira mais eficazes.

Palavras-chave: Planejamento financeiro; Educação financeira; Decisões financeiras; Finanças pessoais; Comportamento financeiro.

ABSTRACT

This study analyzed the influence of personal financial planning on the quality of financial decisions, identifying statistical correlations and behavioral patterns. The research used a quantitative approach with a structured questionnaire applied to 30 respondents via Google Forms. For data collection, a non-probabilistic intentional sampling was used, seeking variety in the profile of the 30 respondents regarding gender, age group, and occupation. The data were processed through the development of three composite indices using a three-point Likert scale, allowing for objective measurement of financial behaviors. Correlational analysis (Spearman) confirmed that financial planning exerts a significant influence on the quality of decisions, with a very strong correlation between planning (IPF) and investment (II) ($\rho = 0.724$) and a strong correlation between knowledge and planning (IPF) ($\rho = 0.539$). Personal financial planning proved to be a determining factor that positively influences the quality of decisions. An important behavioral paradox was identified: although most respondents demonstrate a good level of resource management, a significant portion still occasionally makes impulsive decisions. Therefore, impulse control emerged as the main area for improvement, indicating a need for educational approaches that integrate cognitive and behavioral aspects. The study contributes to the national literature by providing empirical evidence on how financial planning influences decisions in the Brazilian context, offering support for the development of more effective financial education policies.

Keywords: Financial planning; Financial education; Financial decision; Personal finance; Financial behavior.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição Demográfica Completa da Amostra.....	25
Gráfico 2 – Média dos Comportamentos Financeiros.....	27
Gráfico 3 – Média dos Construtos por Gênero.....	29
Gráfico 4 – Evolução do Controle de Impulsos com a Idade.....	30
Gráfico 5 – Planejamento vs Investimento.....	31
Gráfico 6 – Matriz de Correlação de Spearman.....	32

LISTA DE ABREVIATURAS

CFP - Certified Financial Planner

CI - Controle de Impulso

CNC - Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo

CNDL - Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas

CVM - Comissão de Valores Mobiliários

ENEF - Estratégia Nacional de Educação Financeira

II - Índice de Investimento

IPF - Índice de Planejamento Financeiro

IS - Independência Social

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

ONU - Organização das Nações Unidas

SMART - Específicos, Mensuráveis, Atingíveis, Relevantes e Temporais

SPC - Serviço de Proteção ao Crédito

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
1.1 Objetivos e Justificativa.....	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1 Planejamento Financeiro Pessoal.....	11
2.1.1 Ferramentas de Planejamento Financeiro.....	14
2.2 Educação Financeira.....	15
2.3 Tomada de Decisões Financeiras.....	16
2.4 Estudos Empíricos Relacionados.....	19
3 METODOLOGIA.....	20
3.1 Materiais e Métodos.....	21
3.2 Procedimento da Análise dos Dados.....	22
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	24
4.1 Análise do Comportamento de Planejamento Financeiro.....	25
4.2 Análise da Tomada de Decisões Financeiras.....	26
4.3 Análise por Segmentos Demográficos.....	28
4.4 Correlações e Relações Estatísticas.....	29
5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	32
5.1 Contribuições do Estudo.....	33
REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

O planejamento financeiro pessoal tem se tornado uma competência essencial na vida dos indivíduos diante da necessidade da tomada de decisões assertivas no contexto da complexidade do sistema financeiro brasileiro atual. Assim, o planejamento e a gestão eficaz das finanças pessoais são, sem dúvida, um diferencial importante para o bem-estar econômico dos indivíduos (KLAPPER; LUSARDI; OUDHEUSDEN, 2015).

De acordo com o Banco Central do Brasil (2025), o cenário econômico brasileiro contemporâneo é caracterizado por um ambiente desafiador e volátil. Apesar da atividade econômica ter sido melhor do que o esperado, as taxas elevadas de juros, juntamente com uma renda per capita baixa, tornam o cenário ainda mais desafiador para as finanças das famílias (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO (CNC), 2024).

Portanto, a complexidade aumenta com a variedade de áreas financeiras que precisam ser gerenciadas, como o planejamento, os investimentos, a previdência e os seguros, todos abordados na Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) (FÓRUM BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA, 2022). O cenário demanda que os brasileiros sejam cada vez mais capacitados em lidar com um sistema financeiro incerto, desafiador e em constante transformação (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2025).

O Indicador de Inadimplência de Pessoas Físicas, da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) Brasil (2025) apurou que o percentual de brasileiros com contas em atraso cresceu 8,91% em relação a 2024. A pesquisa indica que, em setembro, o Brasil contava com 71,86 milhões de consumidores com restrições de crédito, correspondendo a 43,14% da população adulta do país. Os dados mostram a importância de investigar os fatores que afetam as decisões financeiras e como o planejamento financeiro é crucial para melhorar a qualidade de vida e reduzir a vulnerabilidade econômica (CNDL; SPC BRASIL, 2025).

A literatura financeira comportamental internacional indica que as escolhas econômicas não são totalmente racionais, sendo afetadas por aspectos psicológicos, cognitivos e sociais (MAHMOOD *et al.*, 2024). Estudos iniciais no Brasil, como os de Milanez (2003) e Rogers, Securato e Ribeiro (2007), apontavam para a importância de se compreender o comportamento que fundamenta as finanças pessoais, o que foi vital para fundamentar investigações mais detalhadas sobre o tema.

A educação financeira tem sido apontada como um fator fundamental para a qualidade das escolhas financeiras. A implementação da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), em 2010, que foi posteriormente reestruturada pelo Decreto nº 10.393/2020 (BRASIL, 2020), fez com que a competência financeira se configurasse como uma política pública no Brasil. A promoção do letramento financeiro e o fortalecimento da cidadania para que as pessoas façam escolhas financeiras mais conscientes são os objetivos da ENEF (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2013).

Embora o planejamento financeiro e a formação financeira sejam considerados importantes, ainda há uma ausência de clareza sobre como esses elementos impactam a qualidade das decisões financeiras no Brasil. Com base em estudos recentes realizados no exterior, como o de Bai (2023), existem correlações significativas entre alfabetização financeira, orçamento mental e autocontrole financeiro em relação ao bem-estar financeiro subjetivo. No entanto, ainda não está evidente se esses resultados podem ser aplicados ao contexto socioeconômico do Brasil.

Ademais, a literatura nacional carece de estudos empíricos que identifiquem de forma precisa a relação entre o nível de administração de recursos pessoais e a qualidade das escolhas financeiras. Nesse sentido, levanta-se a seguinte questão de pesquisa: Como o nível de planejamento financeiro pessoal influencia a qualidade das decisões financeiras dos indivíduos?

Em suma, este estudo busca explorar a questão em cinco capítulos bem estruturados, iniciando com a fundamentação teórica a respeito da gestão financeira e da tomada de decisões, seguindo para a análise dos dados coletados e concluindo com os resultados encontrados, as correlações estatísticas identificadas, as limitações do estudo, sugestões para futuras pesquisas e implicações para as políticas públicas de educação financeira.

1.1 Objetivos e Justificativa

O objetivo geral deste trabalho é analisar a influência do planejamento financeiro pessoal na qualidade das decisões financeiras tomadas por indivíduos, identificando correlações estatísticas e padrões comportamentais que possam contribuir para o desenvolvimento de estratégias de educação financeira mais eficazes.

Para alcançar o objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

Identificar o perfil de planejamento financeiro dos respondentes de uma amostra selecionada;

1. Avaliar a qualidade das decisões financeiras tomadas pelos participantes da amostra;

2. Investigar as correlações existentes entre o nível de educação financeira e o comportamento de investimento;
3. Analisar a existência de diferenças demográficas na prática do planejamento financeiro;
4. Propor recomendações para a melhoria da educação e do planejamento financeiro com base nos resultados obtidos.

A importância deste trabalho destaca-se em três áreas: acadêmica, social e prática. Em termos acadêmicos, a pesquisa contribui para o campo das finanças pessoais no Brasil ao fornecer evidências empíricas sobre conexões que são pouco exploradas na literatura nacional. Os índices compostos para a avaliação do planejamento financeiro e da qualidade das decisões podem servir como base para futuras pesquisas.

A pesquisa tem grande relevância social, especialmente considerando os elevados índices de inadimplência no Brasil. Segundo o Mapa de Inadimplência e Negociação de Dívidas no Brasil da Serasa (2025), com 78,8 milhões de brasileiros inadimplentes em agosto de 2025, o país passa por um crescimento contínuo que ressalta a importância imediata de entender o que leva a decisões financeiras equivocadas.

De forma prática, os achados podem auxiliar instituições financeiras, educacionais e do terceiro setor a criarem programas de educação financeira mais eficientes. A identificação de ligações específicas entre o planejamento e a qualidade das decisões pode guiar a criação de intervenções educacionais direcionadas a diferentes perfis demográficos, aumentando a eficácia das iniciativas de preparação financeira.

Além disso, o trabalho está em conformidade com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, particularmente com o ODS 1 (Erradicação da Pobreza) e o ODS 4 (Educação de Qualidade), visto que a educação financeira é considerada um meio de promover a inclusão social e diminuir as disparidades econômicas (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2015).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Planejamento Financeiro Pessoal

O planejamento financeiro pessoal consiste em um processo organizado de administração das finanças pessoais ou familiares, com o objetivo de atingir metas financeiras específicas ao longo do tempo (GITMAN, 2010). Isso implica examinar a situação financeira atual, definir objetivos financeiros, criar um plano para atingi-los e acompanhar regularmente o progresso.

A Comissão de Valores Mobiliários (CVM), em sua publicação TOP Planejamento Financeiro Pessoal, conceitua-o como um importante processo de formulação de estratégias para auxiliar as pessoas a gerenciar suas finanças para atingir os objetivos de vida, no curto, médio e longo prazo (CVM, 2025).

Conforme defendem os autores clássicos da área, como Gitman (2010), o planejamento financeiro serve para oferecer a administração do dinheiro e dos investimentos, formas de direção e controle, que vão ajudar nas decisões que precisam ser tomadas.

Um planejamento financeiro não é composto por partes isoladas, mas sim por diversos elementos que se conectam. A publicação da CVM elenca os componentes essenciais dessa estrutura:

- **Gestão Financeira:** Este é considerado o primeiro passo e abrange a elaboração de um balanço patrimonial, a criação de um orçamento, o controle do fluxo de caixa, a avaliação da capacidade de poupança, a constituição de um fundo de emergência e o gerenciamento consciente do crédito e das dívidas (CVM, 2025).
- **Gestão de Investimentos:** Refere-se à colocação dos recursos disponíveis em diversos ativos financeiros, com o objetivo de manter e aumentar o patrimônio, considerando o perfil de risco e os objetivos do investidor (CVM, 2025).
- **Planejamento da Aposentadoria:** Considera a criação de um patrimônio que permita manter a independência financeira durante a etapa pós-carreira, um dos principais desafios da longevidade atual (CVM, 2025).
- **Gestão de Riscos e Seguros:** Dedicar-se a proteger o patrimônio e a capacidade de gerar renda frente a eventos inesperados, como acidentes, doenças ou mortes, através da contratação de seguros apropriados (CVM, 2025).

O planejamento é necessário pois ele muda a relação do indivíduo com o dinheiro, de uma postura reativa para uma proativa. Ele traz uma visão clara da situação financeira

presente, define um caminho para o futuro e impõe a disciplina necessária para evitar dívidas descontroladas e conquistar a estabilidade financeira (GITMAN, 2010).

Diante da instabilidade econômica do Brasil, o planejamento se torna ainda mais indispensável. A adaptação às oscilações da macroeconomia evidencia que a gestão financeira pessoal funciona como um escudo e estabilizador, proporcionando segurança às famílias em crises econômicas e promovendo a resiliência financeira necessária para decisões estratégicas (PICCINI, PINZETTA, 2014).

No Brasil, conforme informa o Banco Central do Brasil (2013), o planejamento financeiro possibilita consumir mais e melhor. Consumir “mais” por meio da potencialização do dinheiro e “melhor” via eliminação de desperdícios. Dessa maneira, é possível obter várias vantagens, como controle do endividamento, preservação e aumento do patrimônio, eliminação de gastos desnecessários, uso dos juros a favor do consumidor e otimização de recursos por meio de estratégias como pesquisa de preços e sazonalidade (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2013).

Bai (2023), argumenta que um planejamento financeiro eficaz depende do conhecimento técnico e de habilidades de autocontrole e de orçamento mental, que é a tendência de categorizar e alocar recursos financeiros para diferentes finalidades. Essa perspectiva multidimensional indica que a gestão bem sucedida dos recursos pessoais vai além do conhecimento sobre produtos financeiros ou estratégias de investimento, envolvendo também a aquisição de competências comportamentais e cognitivas.

De acordo com Piccini e Pinzetta (2014), o planejamento organizado do consumo ou de despesas pessoais e da família é premissa básica para a melhoria econômica e cultural do cidadão, demonstrando que a organização financeira não se limita apenas ao âmbito econômico, mas também ao progresso social do indivíduo. Essa visão destaca o planejamento como um meio de promover mudanças sociais, possibilitando que as pessoas se tornem mais conscientes de seus recursos e maximizem seus resultados financeiros.

O planejamento financeiro pessoal, de maneira clássica, é realizado por etapas interligadas, ou seja, que se conectam entre si. A literatura converge para um modelo originalmente desenvolvido pelo Certified Financial Planner Board (CFP Board) e popularizado por autores como Gitman e Joehnk (2020), que aponta seis etapas principais: diagnóstico da situação atual, definição de objetivos, identificação de alternativas, avaliação das alternativas, execução do plano e monitoramento e revisão.

A etapa inicial, que é o diagnóstico, consiste em reunir e analisar dados sobre a situação financeira atual, como receitas, despesas, ativos, passivos e fluxo de caixa

(CERBASI, 2023). É uma etapa muito relevante, pois define a linha de base para todo o planejamento que virá.

A segunda etapa consiste na definição de objetivos, que implica em traçar metas financeiras de maneira clara e específica, considerando elementos como prazo, quantia necessária e grau de prioridade. Para que o planejamento tenha eficácia, é evidente na literatura, a necessidade de definir objetivos SMART (Específicos, Mensuráveis, Atingíveis, Relevantes e Temporais) (DORAN, 1981).

Na identificação e avaliação de alternativas, (terceira e quarta etapas), são examinadas várias estratégias para atingir os objetivos definidos, levando em conta aspectos como risco, retorno, liquidez e compatibilidade com o perfil do investidor (GITMAN; JOEHNK, 2020). A análise deve englobar tanto produtos financeiros convencionais quanto abordagens comportamentais para o gerenciamento de dinheiro.

Já a execução do plano (quinta etapa) envolve colocar em prática as estratégias escolhidas, o que significa abrir contas, contratar produtos financeiros e definir rotinas de controle (GITMAN; JOEHNK, 2020). Por fim, o monitoramento e a revisão (sexta etapa) asseguram que o plano continue em sintonia com as alterações nas condições pessoais e no cenário econômico (GITMAN; JOEHNK, 2020).

Apesar de o modelo tradicional de seis etapas ser uma estrutura sólida para o planejamento financeiro, a literatura atual tem evoluído para integrar abordagens mais sistêmicas e estratégicas. Nesse sentido, a incorporação da abordagem sistêmica do planejamento financeiro pessoal com o planejamento estratégico organizacional, segundo Schimith *et al.* (2014), aumenta a relevância dessa perspectiva.

Os autores Schimith *et al.* (2014) criaram um modelo em três etapas: Avaliação, Formulação e Implantação, que inclui aspectos financeiros e análises ambientais, ajudando o indivíduo a identificar forças, melhorias, oportunidades e ameaças que influenciam suas decisões financeiras. Este modelo se destaca por ter um mecanismo que proporciona flexibilidade e adaptação a diferentes realidades. Eles definem indicadores: Patrimônio Mínimo, Recomendado, Ideal e Independência Financeira. Esses marcos servem como orientações para decisões conscientes e estratégicas em finanças pessoais.

A combinação dessas diversas abordagens metodológicas, desde o modelo tradicional de etapas até as abordagens estratégicas mais atuais proporciona às pessoas um sólido embasamento teórico para organizar seu planejamento financeiro, a fim de ser mais eficiente e alinhada aos objetivos de vida.

2.1.1 Ferramentas de Planejamento Financeiro

As ferramentas de planejamento financeiro podem ser divididas entre as tradicionais e as digitais. Cada uma delas traz suas próprias vantagens, atendendo a diferentes perfis de usuários. As ferramentas convencionais englobam planilhas eletrônicas, cadernos de controle e serviços de consultoria financeira. Por outro lado, as ferramentas digitais incluem aplicativos no celular, plataformas na internet e sistemas automatizados de gestão financeira.

A escolha da ferramenta mais adequada varia de acordo com o perfil e as preferências pessoais de cada pessoa (SEBRAE, 2022). As principais categorias incluem:

- **Orçamento Pessoal ou Familiar:** Essa é a ferramenta mais essencial, que pode ser elaborada tanto em um caderno quanto em uma planilha eletrônica. Trata-se de um registro minucioso de todas as fontes de renda e de todas as despesas, possibilitando uma visão clara de como o dinheiro está sendo utilizado e a identificação de oportunidades para economizar (SERASA, 2024).
- **Planilhas eletrônicas:** Programas como o Microsoft Excel e o Google Sheets permitem que você crie orçamentos sob medida, gerencie seus investimentos e faça simulações de diferentes cenários para o futuro, proporcionando muita flexibilidade. Elas são ideais para aqueles que buscam um nível elevado de personalização.
- **Aplicativos:** Com a crescente popularidade dos smartphones, diversas opções de aplicativos de controle financeiro começaram a surgir, facilitando a automação de várias etapas desse processo. Muitos desses aplicativos se conectam diretamente às suas contas bancárias e cartões de crédito, organizando os gastos de forma automática e criando relatórios visuais. Eles facilitam o registro e o monitoramento, tornando a administração financeira mais fácil e ágil (SEBRAE, 2022).
- **Consultoria Financeira:** Para casos mais desafiadores ou para aqueles que buscam um acompanhamento especializado, o planejador financeiro desempenha o papel de um expert que orienta o cliente em todas as fases do processo. Ele utiliza ferramentas e técnicas avançadas para elaborar um plano personalizado e integrado.

Pesquisas recentes mostram que a utilização de tecnologia financeira pode aprimorar consideravelmente a qualidade da gestão financeira. Isso se deve à oferta de recursos como a categorização automática de despesas, alertas de orçamentos e análises financeiras (MORGAN; LONG, 2019).

2.2 Educação Financeira

Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2020), a educação financeira é o processo pelo qual indivíduos e sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros. De modo que, com informação, formação e orientação, possam desenvolver os valores e as competências necessários para se tornarem mais conscientes das oportunidades e dos riscos envolvidos, podendo fazer escolhas bem informadas.

A definição abrangente de letramento financeiro destaca que o assunto não se limita ao ensino de conhecimentos técnicos, mas inclui também o desenvolvimento de habilidades práticas, atitudes corretas e comportamentos financeiros responsáveis. A boa instrução financeira é aquela que permite que cada pessoa faça as escolhas financeiras que são certas para sua própria vida e situação (FERREIRA, 2017).

A qualificação em finanças tem sido cada vez mais destacada por organismos internacionais e governos de diferentes países. Klapper, Lusardi e Van Oudheusden (2015), afirmam que a educação financeira é fundamental tanto para o bem-estar econômico de cada pessoa quanto para o da sociedade como um todo, principalmente devido a crescente complexidade dos mercados financeiros e à transferência de responsabilidade dos governos para os indivíduos em questões como aposentadoria e saúde.

Pesquisas recentes de campo mostram que há correlações positivas significativas entre educação financeira e vários indicadores de bem-estar financeiro. Mahmood *et al.* (2024) descobriram que o aprendizado financeiro atenua de modo significativo o impacto dos vieses comportamentais nas escolhas de investimento, indicando que pessoas mais educadas financeiramente são menos propensas a cometer erros sistemáticos.

O Brasil conta com um projeto institucional voltado à educação financeira. A Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), uma política pública estatal criada em 2010 e atualizada em 2020, é a principal iniciativa. A ENEF visa incentivar o ensino financeiro em todo o Brasil, ampliando o impacto de suas iniciativas e ajudando a fortalecer a cidadania e a estabilidade financeira (FÓRUM BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA, 2022).

Apesar dos esforços institucionais, os resultados permanecem desafiadores. O desempenho do Brasil em comparações internacionais de conhecimento financeiro mostra uma grande carência. No módulo de letramento financeiro do PISA 2022, alunos brasileiros de 15 anos obtiveram média de 416 pontos, abaixo da média de 498 da OCDE. De acordo

com a Pesquisa de Educação Financeira do Brasileiro, da FEBRABAN (2024), 55% dos brasileiros admitem ter pouco (40%) ou nenhum (15%) conhecimento sobre finanças.

O setor privado também tem se empenhado na capacitação financeira em todo o país. Bancos, cooperativas de crédito, seguradoras e fintechs têm desenvolvido programas educacionais diversos, desde cursos presenciais até plataformas digitais interativas. Porém, a educação financeira deve avançar de um formato meramente informativo para um modelo que realmente transforme, capacitando os indivíduos a superar os vieses cognitivos que os impedem de agir em benefício de seus interesses financeiros (OCDE, 2024).

2.3 Tomada de Decisões Financeiras

A tomada de decisões financeiras constitui um processo que exige avaliação de opções e escolha de ações referentes ao uso de dinheiro. Assim, esse processo é moldado por elementos racionais e emocionais, conhecimento e experiências anteriores, traços pessoais e o contexto socioeconômico (PEREIRA; NOBRE; BRITO, 2024).

A teoria clássica das finanças presume que as pessoas são racionais em suas escolhas, buscando maximizar sua utilidade esperada a partir de informações completas (MASSAFERA, 2024). No entanto, a literatura sobre finanças comportamentais evidencia que as escolhas que as pessoas realmente fazem frequentemente se afastam desse padrão ideal, influenciadas por vieses cognitivos e emocionais (KAHNEMAN; TVERSKY, 1979).

O quadro 1 resume os principais conceitos teóricos sobre alguns conceitos centrais abordados neste trabalho para uma maior compreensão e visão concisa.

Quadro 1 – Conceitos sobre planejamento financeiro pessoal e educação financeira

Conceito	Significado	Referência
Planejamento Financeiro Pessoal	Importante processo de formulação de estratégias para auxiliar as pessoas a gerenciar suas finanças para atingir os objetivos de vida, no curto, médio e longo prazo.	(COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS, 2025)
Educação Financeira	Desenvolvimento contínuo das competências para compreender e utilizar produtos financeiros, promovendo escolhas conscientes e bem-estar econômico.	(ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIRO E DE

		CAPITAIS – ANBIMA, 2024)
Tomada de Decisões Financeiras	Análise e escolha entre alternativas econômicas, em que fatores racionais e comportamentais influenciam as decisões visando a otimização dos resultados pessoais.	(ARRAIS <i>et al.</i> , 2025)
Conhecimento Financeiro	Grau de domínio dos conceitos essenciais de finanças pessoais, como orçamento, investimentos e crédito, necessário à tomada de decisão autônoma.	(VIEIRA; PESSOA, 2019)

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das referências - 2025.

Os fatores que influenciam a tomada de decisão financeira podem ser divididos em quatro categorias: cognitivos, emocionais, sociais e contextuais (TORGA *et al.*, 2018). Os cognitivos abrangem conhecimento financeiro, processamento de informações e vieses cognitivos, como ancoragem, disponibilidade e excesso de confiança.

Os fatores contextuais dizem respeito ao ambiente externo no qual a decisão é feita. Isso envolve o cenário macroeconômico (as taxas de juros e de inflação em vigor), fatores demográficos, bem como idade, renda, nível de educação e estado civil e a maneira como as opções são apresentadas ao consumidor (TORGA *et al.*, 2018).

Em contrapartida, os aspectos emocionais e sociais afetam as escolhas financeiras, visto que as emoções impactam uma série de processos mentais, como a atenção, o que se aprende e os julgamentos. Sentimentos positivos podem indicar egoísmo e a expectativa de interesses pessoais, enquanto sentimentos negativos podem sugerir uma preocupação social maior e um senso de justiça (TORGA *et al.*, 2018).

Socialmente, a influência das normas do grupo e a identidade social são fundamentais, já que, em situações de confronto coletivo, as pessoas costumam imitar o comportamento dos outros, e a influência social pode provocar mudanças de percepção. Logo, a decisão financeira não é fruto apenas de variáveis racionais e objetivas, mas também de elementos emocionais e sociais do contexto em que o sujeito está inserido, sendo o resultado de uma construção individual e coletiva atravessada pela historicidade, cultura, valores, emoções e relações de poder (TORGA *et al.*, 2018).

Mahmood *et al.* (2024) identificaram que elementos como ancoragem e ajuste, excesso de confiança e comportamento de manada exercem impacto significativo nas decisões de

investimento, sendo que a educação financeira atua como moderador destes efeitos. Pessoas que têm uma instrução econômica melhor tendem a ser menos influenciadas por esses vieses (MAHMOOD *et al.*, 2024).

A formação financeira é primordial para cultivar hábitos saudáveis de gestão de recursos financeiros e orientar escolhas mais responsáveis sobre a renda. Hábitos financeiros conscientes, resultantes do conhecimento, são fundamentais para a gestão do capital e o bem-estar econômico pessoal. Pesquisas recentes indicam que a percepção da própria habilidade em gerenciar finanças e a adoção de rotinas financeiras adequadas influenciam o comportamento em relação ao dinheiro, promovendo uma gestão financeira eficiente e maior estabilidade econômica (SILVA DIAS *et al.*, 2025).

A análise dos fatores que afetam as decisões financeiras, especialmente investimentos, passou de uma visão isolada para uma abordagem integrada. Pesquisas revelam que entender os fatores que afetam as decisões dos investidores é essencial, pois sua interação provoca efeitos mais complexos do que suas influências isoladas. Esta pesquisa oferece uma perspectiva integrada do processo decisório, considerando múltiplos fatores ao contrário de estudos anteriores que abordavam apenas um aspecto. É fundamental ter uma visão multidimensional para compreender as decisões de investimento em contextos complexos, como nas empresas financeiras e no mercado de capitais (ABDUL KAREEM *et al.*, 2023).

As decisões financeiras são avaliadas por critérios como racionalidade, alinhamento com metas pessoais, adequação ao perfil de risco e resultados ao longo do tempo. Uma decisão financeira eficaz é a que, com as informações disponíveis, aumenta as chances de alcançar os objetivos financeiros estipulados. Por isso, o planejamento financeiro pessoal deve refletir os valores do indivíduo, visando não apenas objetivos financeiros, mas também o bem-estar geral (ASSAF NETO, 1997).

Critérios objetivos para avaliação da qualidade incluem diversificação adequada de investimentos, alinhamento entre prazo dos investimentos e objetivos, manutenção de reserva de emergência adequada e uso eficiente de produtos financeiros. Critérios subjetivos incluem satisfação com as decisões tomadas e redução de estresse financeiro. A integração de ambos os tipos de critérios permite uma avaliação mais completa do desempenho financeiro (ARAÚJO *et al.*, 2022).

Pesquisas recentes têm desenvolvido métricas compostas para medir a qualidade das decisões financeiras. Bai (2023) apresenta um índice que une indicadores subjetivos de

bem-estar financeiro com critérios objetivos de saúde financeira, evidenciando que ambas as dimensões são essenciais para uma avaliação completa.

A qualidade das escolhas financeiras deve levar em conta o tempo e a adaptação às mudanças econômicas e pessoais. Estudos indicam que diversificar ativos, mediado pelo bem-estar financeiro, pode diminuir a ansiedade e depressão, e melhorar a qualidade de vida dos investidores (ARAÚJO *et al.*, 2022). Decisões financeiras de qualidade não se limitam a maximizar retornos a curto prazo, mas buscam equilíbrio entre objetivos financeiros e bem-estar psicológico, levando em conta aspectos racionais e emocionais (ARAÚJO *et al.*, 2022).

2.4 Estudos Empíricos Relacionados

O planejamento financeiro e o comportamento do investidor são assuntos que têm sido amplamente abordados na literatura acadêmica, tanto internacional quanto nacional. Um número crescente de especialistas, incluindo instituições como a OCDE, acreditam que a educação financeira deve ser considerada uma política pública fundamental para fortalecer a resiliência econômica dos cidadãos (OCDE, 2024).

Diversas pesquisas no Brasil evidenciam a precariedade do planejamento financeiro entre os cidadãos. Estudos indicam que a falta de planejamento se deve a questões culturais (ZANIN; GERHARDT, 2016) e que as emoções e fatores psicológicos têm um impacto muito maior nas escolhas financeiras do que a análise racional (SILVEIRA *et al.*, 2017; KIMURA, 2003). Os experimentos de Kahneman e Tversky foram replicados no contexto brasileiro por meio de estudos empíricos, evidenciando que os mesmos vieses cognitivos observados em outras culturas continuam prevalecendo (KIMURA; BASSO; KRAUTER, 2003).

Apesar do volume de pesquisas, nota-se uma lacuna na literatura nacional, pois poucos trabalhos buscaram relacionar, de maneira quantitativa e integrada, as práticas de planejamento financeiro, o conhecimento, os fatores demográficos e a qualidade das decisões financeiras. Vários estudos se dedicam a diagnosticar a ausência de planejamento ou a identificar vieses comportamentais isoladamente.

3 METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de caráter quantitativo, descritivo e correlacional, com uma estratégia de levantamento (survey) aplicada na obtenção dos dados primários. Quanto aos objetivos, é considerada uma pesquisa descritiva, pois busca retratar características e comportamentos de um grupo específico, e correlacional, pois analisa as interações entre as variáveis estudadas.

A escolha pela abordagem quantitativa se deu em função de sua possibilidade de medir de maneira objetiva as variáveis de interesse, bem como de utilizar métodos estatísticos para investigar as relações entre elas. Essa estratégia é adequada para abordar a questão de pesquisa proposta, que investiga como o planejamento financeiro impacta a qualidade das decisões financeiras.

A estratégia de survey foi selecionada por sua adequação para coleta de dados sobre atitudes, comportamentos e características demográficas. Com essa estratégia, é possível obter informações padronizadas de um número significativo de participantes de forma eficiente.

A população-alvo desta pesquisa é composta por indivíduos adultos (maiores de 18 anos) residentes no Brasil que possuem renda própria e fazem decisões financeiras de forma independente. O objetivo é interagir com pessoas que se deparam com escolhas econômicas diariamente e têm autonomia em suas estratégias de planejamento financeiro.

Ademais, utilizou-se a técnica de amostragem não probabilística intencional para selecionar uma amostra de 30 participantes. Para o levantamento, foi feita uma seleção com base em três variáveis demográficas que o estudo considera relevantes: Gênero, Idade e Ocupação, garantindo que todos os grupos tivessem ampla distribuição e representatividade na amostra. A caracterização detalhada da amostra, estratificada por gênero, faixa etária e ocupação, pode ser consultada no Apêndice A.

A amostra de 30 participantes foi determinada considerando os fatores principais: (1) as limitações de recursos e tempo inerentes ao trabalho; e (2) a natureza exploratória do estudo, que visa identificar padrões e relações preliminares no comportamento financeiro pessoal.

O processo da amostragem foi desenvolvido considerando três variáveis demográficas relevantes para o estudo: Gênero (Masculino e Feminino), Idade (18-29, 30-38, 39-48 e 49-78 anos) e Ocupação (Funcionário Público, Assalariado, Autônomo, Empreendedor e Não Trabalha). Para a composição amostral, foi realizada uma distribuição diversificada entre os

grupos, possibilitando comparações entre diferentes segmentos da população, o que é fundamental para a validação dos resultados obtidos.

A participação foi voluntária e anônima, com o link de acesso sendo compartilhado direcionadamente para indivíduos que atendiam aos critérios estabelecidos para a composição da amostra.

3.1 Materiais e Métodos

A coleta de dados foi realizada de forma online e utilizado um questionário estruturado, desenvolvido especialmente para esta pesquisa, elaborado através da plataforma Google Forms. O questionário era composto por 16 questões divididas em duas seções principais. A primeira seção, composta por 6 questões de caráter demográfico, visou caracterizar o perfil dos participantes em relação a gênero, idade, estado civil, nível de escolaridade, ocupação e faixa de renda mensal.

A segunda seção, constituída por 10 perguntas comportamentais, foi elaborada para avaliar questões relacionadas ao planejamento financeiro pessoal e à tomada de decisões financeiras. Foi utilizada uma escala Likert de 3 pontos, em que os respondentes indicavam seu grau de concordância ("Concordo", "Concordo parcialmente", "Discordo"), o que possibilitou uma análise objetiva e direta das percepções e comportamentos dos participantes. Esta escala simplificada facilita para os participantes entenderem e responderem, diminuindo a incerteza nas respostas.

As questões abordaram diferentes aspectos da gestão financeira, incluindo controle de gastos, estabelecimento de metas, uso de ferramentas de controle, conhecimento financeiro e comportamento de investimento.

O questionário foi submetido a um teste com 5 participantes para avaliar a clareza das perguntas, o tempo necessário para preenchê-lo e a adequação das escalas empregadas. Foram feitos pequenos ajustes conforme o feedback recebido antes da versão final ser aplicada.

O quadro 2 retrata o questionário com as afirmações e suas respectivas variáveis.

Quadro 2 – Formulário de Pesquisa.

Item	Afirmações	Variável
Q1	Tenho conhecimento suficiente para entender conceitos como juros, inflação e rendimento de investimentos.	Q1 (Conhecimento Financeiro)

Q2	Costumo planejar meus gastos antes de realizar compras.	IPF (Planejamento Financeiro)
Q3	Mantenho um controle regular dos meus gastos mensais e sei exatamente quanto gasto por mês com despesas.	IPF (Planejamento Financeiro)
Q4	Faço um controle de minhas despesas, utilizando ferramentas como aplicativos, planilhas ou consultorias para auxiliar no planejamento financeiro.	IPF (Planejamento Financeiro)
Q5	Às vezes tomo minhas decisões financeiras por impulso.	CI (Controle de Impulso) (Item invertido)
Q6	As opiniões de outras pessoas influenciam minhas decisões sobre como gastar ou investir meu dinheiro.	IS (Independência Social) (Item invertido)
Q7	Elaboro planos e metas para alcançar meus objetivos financeiros para períodos maiores que um ano.	IPF (Planejamento Financeiro)
Q8	Evito contrair dívidas que comprometam meu orçamento mensal.	IPF (Planejamento Financeiro)
Q9	Invisto meu dinheiro em alternativas que tenham boas perspectivas de ganho.	II (Índice de Investimento)
Q10	Tenho uma reserva de emergência e, por isso, sou capaz de me reorganizar financeiramente quando enfrento imprevistos.	IPF (Planejamento Financeiro) e II (Índice de Investimento)

Fonte: Elaborada pelo autor - 2025.

3.2 Procedimento da Análise dos Dados

Após a coleta, os dados foram exportados do Google Forms e tabulados em planilhas do Microsoft Excel para organização inicial. A análise estatística foi conduzida utilizando a linguagem de programação Python. Essas ferramentas foram escolhidas por serem adequadas para análises estatísticas e por sua capacidade de produzir visualizações de alta qualidade.

As respostas da escala Likert de 3 pontos foram convertidas para valores numéricos (1 = Discordo, 2 = Concordo parcialmente, 3 = Concordo).

As questões Q5 ("Decisões por impulso") e Q6 ("Influência de outros"), por serem formuladas negativamente, foram invertidas para que uma pontuação alta representasse um comportamento positivo (maior controle e independência).

Contudo, esta técnica introduz um risco inerente que merece consideração: o viés de entendimento por falta de atenção. Se o respondente não prestar atenção suficiente à formulação negativa da pergunta, ele pode interpretá-la de forma literal e incorreta, acreditando que uma maior pontuação representa um comportamento positivo. Por exemplo, um indivíduo pode concordar com a afirmação "tomo decisões por impulso" e, por desatenção, acreditar que está se avaliando positivamente, quando na verdade está admitindo uma fragilidade.

Para garantir a validade dos índices compostos, foi realizado o teste de confiabilidade Alfa de Cronbach. O Índice de Planejamento Financeiro (IPF), composto por 6 itens (Q2, Q3, Q4, Q7, Q8, Q10), apresentou alta confiabilidade ($\alpha = 0,799$). O Índice de Investimento (II), com 2 itens (Q9, Q10), mostrou consistência aceitável ($\alpha = 0,628$). As questões Q5 ("Controle de Impulso") e Q6 ("Independência Social"), embora ambas relacionadas ao autocontrole, foram intencionalmente tratadas como variáveis independentes na análise, pois apresentaram uma baixa consistência interna na análise agrupada.

Antes da análise inferencial, foram verificados os pressupostos estatísticos. A análise de outliers não identificou valores extremos nas variáveis. Em seguida, foi aplicado o teste de normalidade de Shapiro-Wilk (adequado para $n=30$). Os resultados indicaram que nenhum índice segue uma distribuição normal (todos apresentaram $p < 0,05$).

Diante da violação da premissa de normalidade, os testes paramétricos (como a Correlação de Pearson, Teste t, ANOVA e Regressão Linear) foram descartados. A análise correlacional foi realizada utilizando a Correlação de Spearman (ρ), um teste não paramétrico robusto que avalia a força e a direção da relação entre as variáveis. A análise descritiva utilizou medidas de tendência central (média) e dispersão (desvio padrão), além de frequências. Todos os testes foram realizados com um nível de significância de 5% ($\alpha = 0,05$).

Entretanto, existem limitações metodológicas neste estudo que devem ser levadas em conta ao se interpretar os resultados. A limitação mais significativa se refere ao tamanho ($n=30$) e ao tipo da amostra (não probabilística intencional), que impede a generalização dos resultados.

A outra limitação significativa é o uso de dados de auto relatos, uma vez que as respostas podem ser afetadas por fatores de interesse social ou de memória. Os entrevistados

podem inclinar-se a relatar comportamentos que são mais aceitos socialmente ou ter dificuldades para lembrar com precisão como se comportaram financeiramente no passado.

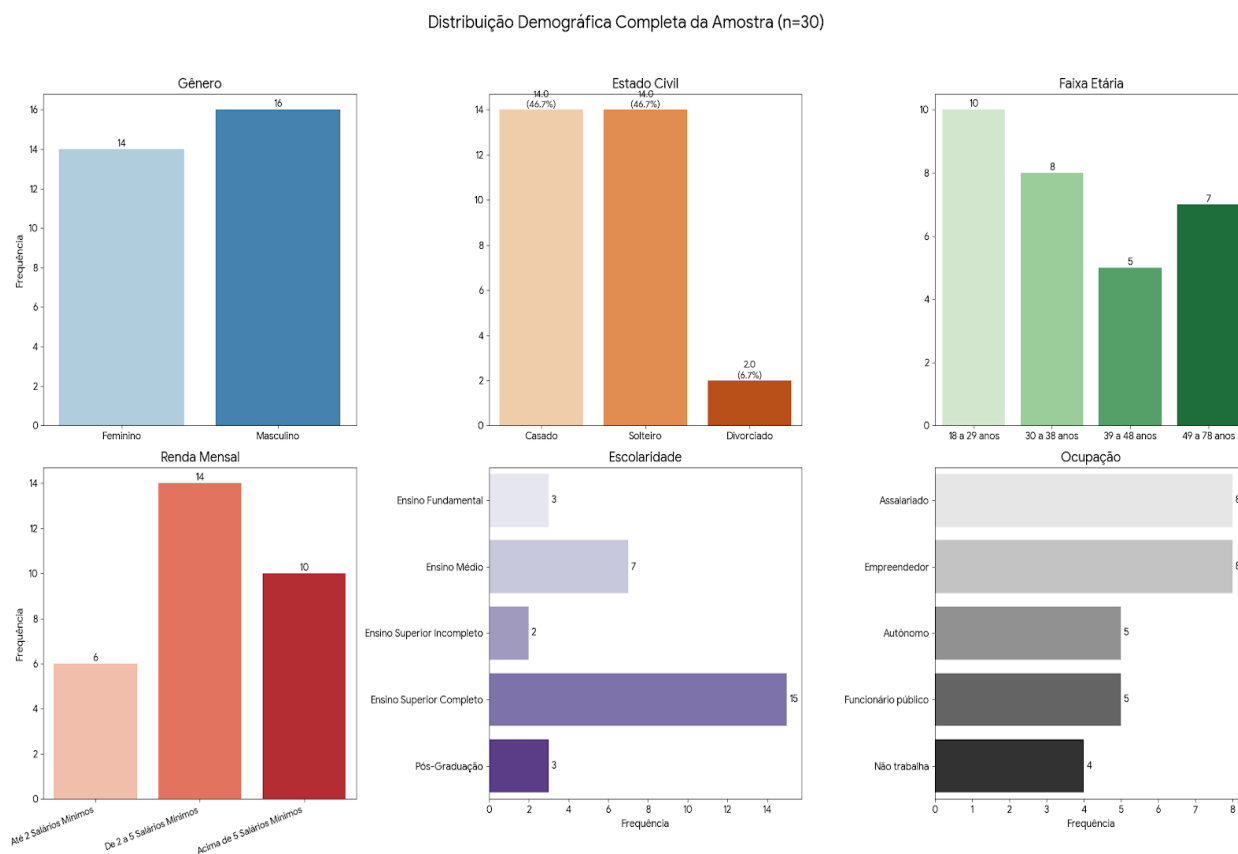
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A pesquisa foi realizada com 30 respondentes, constituída por 53,3% (16 participantes) do sexo masculino e 46,7% (14 participantes) do sexo feminino.

Em relação à idade, 33,3% (10 participantes) têm entre 18 e 29 anos, 26,7% (8 participantes) estão na faixa dos 30 aos 38 anos, 16,7% (5 participantes) têm entre 39 e 48 anos, e 23,3% (7 participantes) estão entre 49 e 78 anos. A distribuição do estado civil foi equilibrada entre casados e solteiros, ambos os grupos representando 46,7% (14 respondentes) da amostra, e 6,7% (2 respondentes) eram divorciados.

Quanto ao nível de escolaridade, 60% (18 participantes) completaram a graduação ou têm pós-graduação, 23,3% (7 participantes) têm ensino médio, 10% (3 participantes) têm ensino fundamental e 6,7% (2 participantes) não concluíram a graduação. A distribuição das ocupações foi diversificada entre assalariados (26,7%), empreendedores (26,7%), trabalhadores autônomos (16,7%), funcionários do setor público (16,7%) e aqueles que não trabalham, ou seja, aposentados (13,3%).

Gráfico 1 – Distribuição Demográfica Completa da Amostra



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de resultados da pesquisa – 2025.

O Gráfico 1 ilustra visualmente a distribuição demográfica completa da amostra (n=30).

Acerca da renda mensal, a maior parte dos participantes se concentrou na faixa de 2 a 5 salários mínimos (46,7%, 14 pessoas), seguida por aqueles que ganham mais de 5 salários mínimos (33,3%, 10 pessoas) e os que recebem até 2 salários mínimos (20%, 6 pessoas).

4.1 Análise do Comportamento de Planejamento Financeiro

A análise do comportamento de gestão financeira foi feita através de índices compostos que reúnem várias dimensões do planejamento. Com uma média de 2,317 no Índice de Planejamento Financeiro (IPF), indicou-se um bom nível de administração entre os respondentes em uma escala de 1 a 3 (77,2% da escala máxima).

A análise por comportamento específico revelou diferenças significativas entre os diversos aspectos da administração de recursos, indicando áreas de maior e menor competência dos respondentes. O comportamento "Evita Dívidas" obteve a média mais alta (2,533), indicando que muitos participantes reconhecem os riscos de se endividar e adotam precauções para proteger suas finanças.

O "Planejamento de Gastos" teve a segunda média mais alta (2,467), demonstrando que o controle das finanças é valorizado. Os integrantes demonstraram um entendimento sólido sobre "Conhecimento Financeiro", cuja média foi de 2,233, o que indica um entendimento de conceitos como juros, inflação e rendimentos.

A média de 2,367 do "Controle de Gastos" indica que muitos monitoram suas despesas. A seção intitulada "Metas de Longo Prazo" obteve uma média de 2,333, o que mostra uma capacidade de se planejar financeiramente por um período prolongado.

O "Comportamento de Investimento" obteve média de 2,20, evidenciando que, mesmo com conhecimento e planejamento, adotar comportamentos de investimento mais assertivos é desafiador. Isso pode ser resultado da percepção de risco ou da falta de informação sobre produtos financeiros mais complexos.

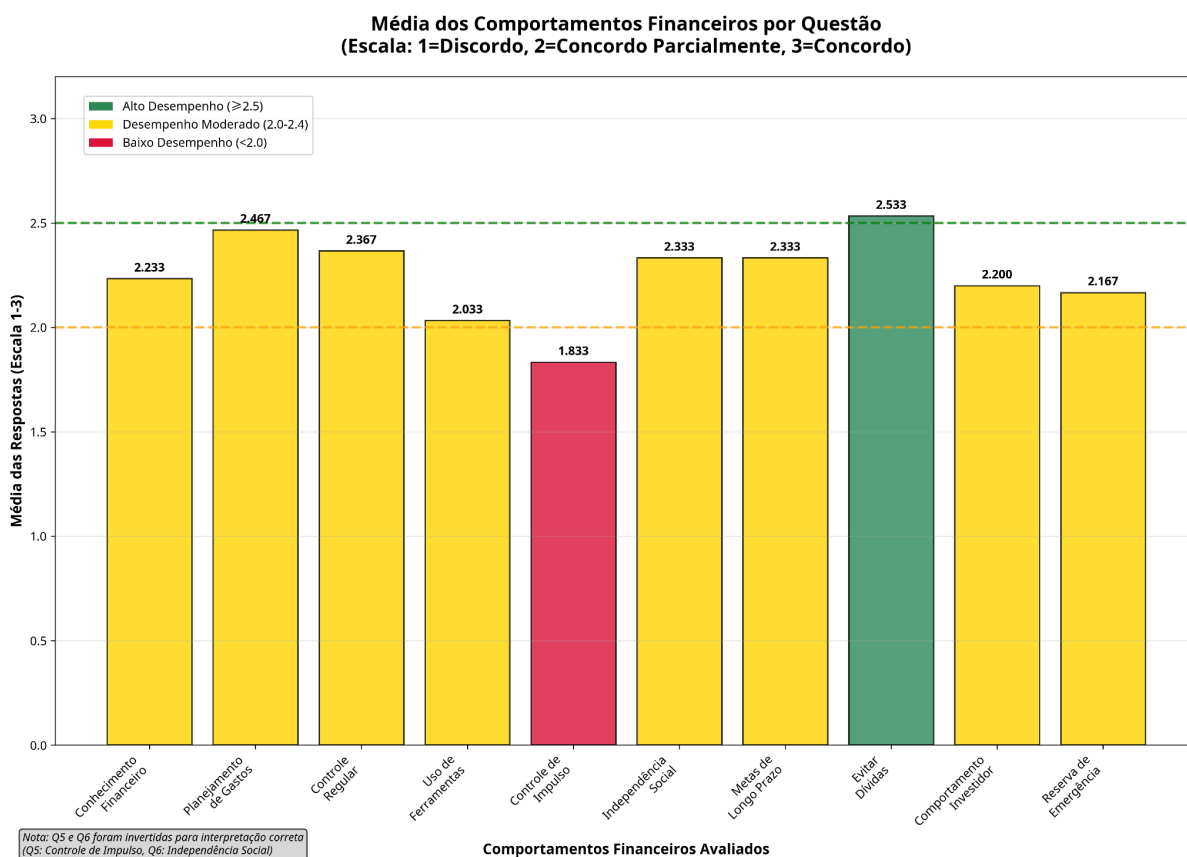
Na "Reserva de Emergência", a média é de 2,167, sendo que 43,3% têm reserva adequada e 30% têm reserva parcial. A categoria "Uso de Ferramentas" teve uma média baixa (2,033), o que demonstra que os participantes fazem uso limitado de aplicativos, planilhas ou consultorias para planejar suas finanças. Esse resultado sugere possíveis melhorias para aprimoramento do uso de ferramentas digitais de gestão financeira, que facilitam o controle e o planejamento das finanças pessoais.

O "Controle de Impulsos (CI)" apareceu como a principal área de melhoria, apresentando a menor média entre todos os comportamentos avaliados (1,833). Este resultado indica que 73,3% dos respondentes admitem tomar decisões financeiras por impulso ocasionalmente, sendo que 43,3% sempre tomam decisões impulsivas e 30% às vezes agem por impulso.

Em contrapartida, a "Independência Social (IS)", que mede a influência de opiniões externas, apresentou uma média consideravelmente mais alta (2,333). Isso sugere que os participantes da amostra são menos influenciados por outros do que pelo próprio impulso interno.

O Gráfico 2 resume visualmente a pontuação média dos 10 comportamentos individuais.

Gráfico 2 – Média dos Comportamentos Financeiros



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de resultados da pesquisa – 2025.

4.2 Análise da Tomada de Decisões Financeiras

A análise sobre a tomada de decisões financeiras evidenciou aspectos significativos relacionados à qualidade das decisões dos participantes da pesquisa. Com o controle de Impulso sendo o ponto de maior vulnerabilidade da amostra (Média = 1,833) e 73,3% dos

respondentes admitirem realizar escolhas financeiras de forma impulsiva ocasionalmente, é significativo, especialmente quando comparado aos bons índices de planejamento financeiro que foram observados. Isto sugere um paradoxo, mesmo com conhecimento e intenção de planejar, os respondentes ainda têm dificuldades em colocar em prática de forma consistente os comportamentos financeiros racionais.

Por outro lado, o fato de 73,3% dos respondentes possuírem algum nível de reserva de emergência indica uma capacidade de planejamento preventivo, o que pode contribuir para decisões mais seguras durante crises financeiras. Isso é um ponto positivo e alinha-se com as recomendações da literatura sobre planejamento financeiro (COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS, 2025).

Outro ponto de destaque que impacta diretamente a qualidade da tomada de decisão é o baixo uso de ferramentas de gestão financeira, que apresentou a segunda menor média entre os comportamentos analisados (2,033). A limitada adoção de aplicativos, planilhas ou consultorias especializadas sugere que muitos indivíduos ainda gerenciam suas finanças de forma manual ou intuitiva.

Essa abordagem, embora comum, aumenta a carga cognitiva no momento da decisão, eleva a probabilidade de erros de cálculo e dificulta a visualização de cenários de longo prazo. A ausência de um sistema estruturado para monitorar o fluxo de caixa e o progresso em direção às metas pode levar a decisões baseadas em percepções imprecisas da realidade financeira, comprometendo a eficácia do planejamento e a racionalidade das escolhas.

A Tabela 1 apresenta, para cada item, os valores mínimo e máximo registrados, a média aritmética e o desvio-padrão.

Tabela 1 – Estatística Descritiva das Variáveis (n=30)

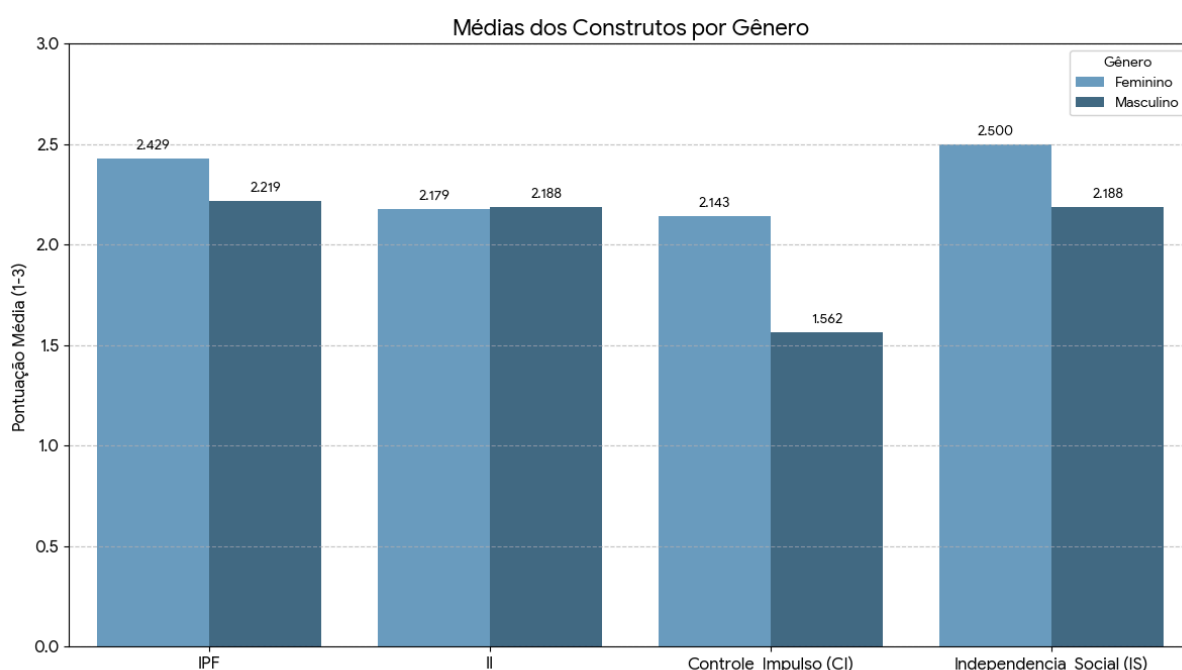
Construto	Média	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
IPF (Planejamento)	2,317	0,519	2,33	1,17	3,00
II (Investimento)	2,183	0,663	2,50	1,00	3,00
Q1 (Conhecimento)	2,233	0,817	2,00	1,00	3,00
CI (Controle Impulso)	1,833	0,834	2,00	1,00	3,00
IS (Independência Social)	2,333	0,661	2,00	1,00	3,00

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de resultados da pesquisa – 2025.

4.3 Análise por Segmentos Demográficos

A análise por segmentos demográficos destacou disparidades significativas entre os grupos. No que diz respeito ao gênero, mesmo sem diferenças estatísticas significativas ($p > 0,05$), algumas tendências interessantes foram observadas: as mulheres mostraram médias um pouco mais altas em Planejamento Financeiro (2,429 vs 2,219), Controle de Impulso (2,071 vs 1,625) e Independência Social (2,464 vs 2,219). Os homens tiveram uma média levemente superior em Comportamento de Investimento (2,188 vs 2,179).

Gráfico 3 – Média dos Construtos por Gênero



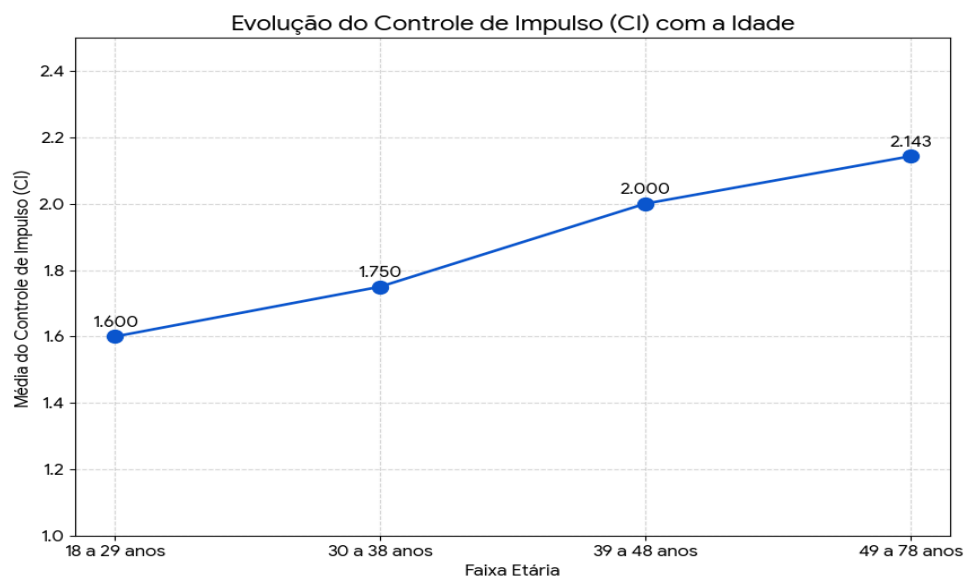
Fonte: Elaborado pelo autor a partir de resultados da pesquisa – 2025.

A correlação de Spearman entre o Conhecimento Financeiro (Q1) e o Índice de Planejamento Financeiro (IPF), quando segmentada, trouxe alguns dados interessantes. A relação entre conhecimento e planejamento mostrou-se mais forte entre os homens ($\rho = 0,693$) do que entre as mulheres ($\rho = 0,463$). Curiosamente, a correlação foi moderada entre os participantes de menor renda ($\rho = 0,533$), mas inexistente entre os de maior renda ($\rho = -0,039$). Este resultado reforça a sugestão de que o conhecimento financeiro pode ter um papel de maior impacto relativo para o planejamento daqueles que possuem menos recursos financeiros.

A análise por faixa etária revelou padrões distintos de comportamento financeiro ao longo do ciclo de vida dos respondentes. Os jovens de 18 a 29 anos (10 participantes) apresentaram desafios significativos em comportamento de investimento, com o mais baixo

Índice de Investimento (1,850), o que pode estar relacionado à menor disponibilidade de recursos e menor experiência com produtos financeiros.

Gráfico 4 – Evolução do Controle de Impulsos com a Idade



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de resultados da pesquisa – 2025.

A idade entre 30 e 38 anos apresentou os melhores resultados em Planejamento Financeiro (IPF = 2,50), o que indica que essa fase é a de maior maturidade e consolidação das práticas de planejamento.

Os participantes entre 39 e 48 anos apresentaram estabilidade nos três índices (IPF = 2,367; CI = 2,00; IS = 2,20; II = 2,10), evidenciando que os hábitos financeiros foram sendo desenvolvidos ao longo da idade.

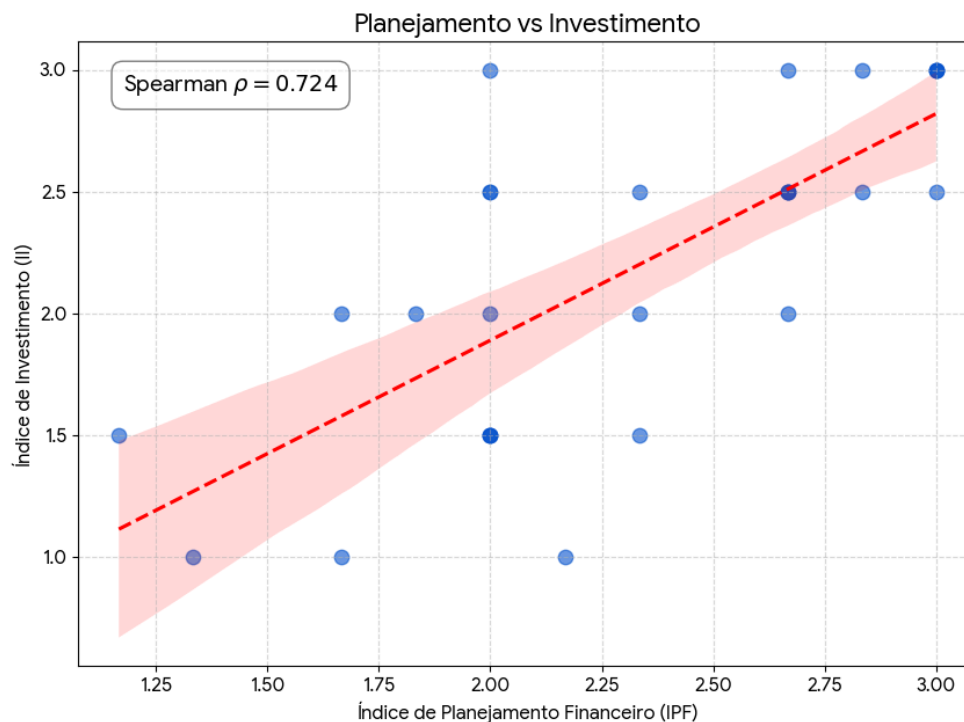
A faixa etária de 49 a 78 anos índices mais altos tanto em Independência Social (2,571) quanto em Controle de Impulso (2,143), além do melhor Índice de Investimento (2,571), o que demonstra que a experiência e a maturidade desempenham um papel essencial no controle dos comportamentos e na tomada de decisões de investimento mais precisas.

4.4 Correlações e Relações Estatísticas

A análise de correlações revelou relações estatisticamente significativas entre as principais variáveis do estudo. A correlação mais forte observada foi entre o Planejamento Financeiro (IPF) e o Comportamento de Investimento (II) ($\rho = 0,724$). Classificada como forte, esta relação indica que indivíduos com melhor capacidade de planejamento tendem a apresentar comportamentos de investimento mais assertivos.

O Gráfico 5 ilustra a relação entre o Índice de Planejamento Financeiro (IPF) e o Índice de Investimento (II).

Gráfico 5 – Planejamento vs Investimento



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de resultados da pesquisa – 2025.

A segunda correlação mais significativa, classificada como moderada, foi entre o Conhecimento Financeiro (Q1) e o Planejamento Financeiro (IPF) ($\rho = 0,539$). Esta relação moderada demonstra que o conhecimento constitui uma base importante, porém não exclusiva, validando a importância da educação financeira formal e de outros fatores como disciplina e experiência prática que também influenciam significativamente a qualidade do planejamento.

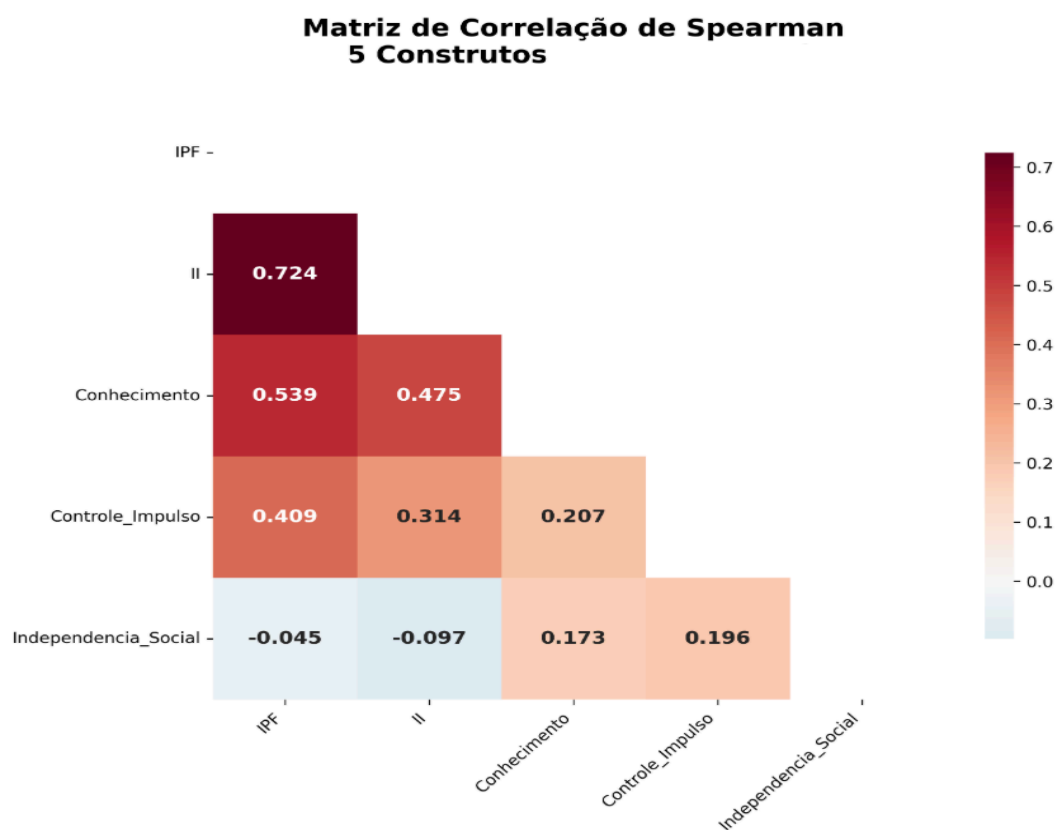
O Controle de Impulso (CI) apresentou uma correlação moderada e significativa com o IPF ($\rho = 0,409$), indicando que a capacidade de evitar decisões impulsivas está ligada às práticas de planejamento.

Os dados estatísticos comprovam a ligação entre planejamento financeiro e a qualidade das decisões financeiras. A relação forte entre planejamento (IPF) e investimento (II) ($\rho = 0,724$), confirmada pela Correlação de Spearman, sugere que ações de letramento financeiro para planejamento podem impactar positivamente o comportamento de investimento.

A relação moderada entre conhecimento (Q1) e planejamento (IPF) ($\rho = 0,539$) enfatiza que, embora o conhecimento seja crucial para um planejamento eficiente, outros fatores comportamentais desempenham papéis importantes. Esse resultado alinha-se com a literatura, que aponta o conhecimento como necessário, mas não suficiente, para um bom comportamento financeiro (KLAPPER; LUSARDI; VAN OUDHEUSDEN, 2015).

A análise da correlação (Spearman) entre Planejamento Financeiro (IPF) e Comportamento de Investimento (II) por faixa de renda revelou um padrão complexo e não linear. A correlação foi moderada para a baixa renda ($\rho = 0,500$), aumentou para forte na renda média ($\rho = 0,738$), e permaneceu forte, mas ligeiramente menor, na alta renda ($\rho = 0,639$). Isso sugere que a relação entre planejar e investir é robusta em todos os níveis, mas que, a partir de certo ponto, o aumento da renda por si só não garante um aumento linear nessa conexão, indicando a influência de outros fatores.

Gráfico 6 – Matriz de Correlação de Spearman



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de resultados da pesquisa – 2025.

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Em uma era em que o sistema financeiro se torna cada vez mais complexo, a habilidade de planejar financeiramente a vida pessoal se mostra uma competência essencial. Este estudo analisou a influência do planejamento financeiro na tomada de decisões, alcançando seus objetivos através de uma análise quantitativa e correlacional.

O perfil de planejamento financeiro da amostra revelou-se moderado, com destaque para a consciência sobre o endividamento, mas com uma deficiência crítica no controle de impulsos, que emergiu como o comportamento mais problemático. A qualidade das decisões financeiras, embora geralmente adequada, é negativamente impactada por essa impulsividade, criando um paradoxo comportamental em que a boa gestão de recursos coexiste com decisões impulsivas ocasionais.

As correlações investigadas confirmaram que o planejamento financeiro (IPF) tem uma forte e positiva relação com o comportamento de investimento (II) ($p = 0,724$), validando assim a hipótese central de que o planejamento influencia positivamente a qualidade das decisões financeiras. Adicionalmente, o conhecimento financeiro (Q1) mostrou-se um fator moderadamente correlacionado com o planejamento ($p = 0,539$), fortalecendo a importância da educação formal.

A análise demográfica não revelou diferenças estatisticamente significativas na prática do planejamento financeiro entre gêneros ou faixas etárias, sugerindo que os desafios, especialmente o controle de impulsos, são transversais na amostra estudada.

Com base nos resultados, este estudo demonstra que investir em educação financeira resulta em decisões individuais de maior qualidade, o que pode beneficiar o bem-estar econômico da sociedade.

Ademais, são propostas recomendações para a melhoria da educação financeira. Para políticas públicas, recomenda-se o desenvolvimento de programas que integrem aspectos cognitivos e comportamentais da educação financeira, não se limitando à transmissão de conhecimentos técnicos. É fundamental incorporar estratégias específicas para desenvolvimento do autocontrole, como técnicas de economia comportamental e ferramentas digitais que facilitem a implementação de decisões racionais.

Às instituições financeiras, sugere-se o desenvolvimento de produtos e serviços que considerem o paradoxo comportamental identificado, oferecendo ferramentas que facilitem a

implementação automática de estratégias de planejamento e reduzam a impulsividade nas decisões econômicas.

Para pesquisas futuras, sugere-se o desenvolvimento de estudos para estabelecer causalidade, utilização de amostras maiores e probabilísticas para permitir generalização, além de aplicações experimentais para testar a eficácia de diferentes abordagens educacionais. Além disso, a expansão da amostra e a investigação aprofundada do paradoxo comportamental identificado.

Com isso, esta pesquisa tem uma importância que vai além do âmbito acadêmico, contribuindo para uma sociedade financeiramente mais educada e resiliente, alinhando-se com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU e com as diretrizes da Estratégia Nacional de Educação Financeira. Os dados revelam que, quando direcionados adequadamente, os investimentos em conhecimento financeiro trazem retornos significativos na qualidade das decisões financeiras e no bem-estar econômico da população.

5.1 Contribuições do Estudo

Teoricamente, esta pesquisa oferece evidências empíricas sobre a relação entre educação financeira e a qualidade das decisões financeiras em uma amostra brasileira, tanto confirmando quanto ampliando os resultados de estudos internacionais no cenário nacional. A correlação moderada encontrada entre conhecimento financeiro e comportamento de investimento (II) ($\rho = 0,475$) reforça os achados de Klapper, Lusardi e Van Oudheusden (2015), que evidenciaram a relevância do letramento financeiro para se ter comportamentos financeiros assertivos. Da mesma forma, a correlação moderada entre conhecimento (Q1) e planejamento (IPF) ($\rho = 0,539$) reflete as conclusões da OCDE (2020), que destacou o conhecimento como o precursor necessário do planejamento financeiro eficaz.

O estudo também contribui para o entendimento das finanças comportamentais ao mostrar que 73,3% dos participantes reconhecem que tomam decisões por impulso, apesar de um bom planejamento. Este achado é consistente com os estudos de Kahneman e Tversky (1979) sobre vieses cognitivos e com a pesquisa nacional de Kimura, Basso e Krauter (2003) sobre comportamento decisório, o que aponta para o fato de que nem sempre o conhecimento e a intenção se traduzem em um comportamento racional consistente.

O fenômeno do consumo impulsivo, pode ser refletido pela heurística da disponibilidade, conforme explorado por Arrais, Garcia e Kloeckner (2025). Segundo os autores, os indivíduos tendem a julgar a probabilidade ou a importância de um evento pela

facilidade com que exemplos vêm à mente. No contexto do consumo, uma promoção relâmpago, a publicidade massiva ou a visualização de um produto desejado tornam a oportunidade de compra mentalmente "disponível" e saliente, ofuscando os objetivos de longo prazo estabelecidos no planejamento financeiro.

Este achado contrasta de forma interessante com o estudo experimental de DeHart *et al.* (2016), que demonstrou que um curso de educação financeira foi eficaz em reduzir o *delay discounting* (uma medida de impulsividade), sugerindo que, embora o planejamento exista em nossa amostra, faltam possivelmente as ferramentas comportamentais específicas para resistir aos gatilhos de disponibilidade que levam à compra por impulso.

Uma das contribuições mais significativas, revelada pela correlação de Spearman, refere-se à identificação da correlação entre o Conhecimento Financeiro (Q1) e o Planejamento (IPF) por nível de renda. Esta relação mostrou-se moderada entre pessoas de menor renda ($\rho = 0,533$) sugerindo que programas de instrução financeira podem ter impacto proporcionalmente maior em populações de menor poder aquisitivo. Este resultado tem implicações diretas para políticas públicas, pois está alinhado com os objetivos da Estratégia Nacional de Educação Financeira (BRASIL, 2020) e traz evidências empíricas para direcionamento de recursos públicos.

A dinâmica das decisões financeiras, descrita por Assaf Neto (1997) como um trade-off contínuo entre risco e retorno, oferece um pano de fundo para a forte correlação encontrada entre o Índice de Planejamento Financeiro (IPF) e o Índice de Investimento (II). Este resultado sugere que indivíduos que planejam estão mais dispostos a navegar neste trade-off, engajando-se em comportamentos de investimento.

Contudo, o estudo de Darwish *et al.* (2025) com investidores palestinos adiciona uma camada de complexidade a essa dinâmica. Eles encontraram uma confiabilidade altíssima ($\alpha = 0,88$) no fator "Recomendação de Consultores", indicando que, mesmo com literatura financeira, as decisões de investimento são fortemente influenciadas por fatores externos, e não apenas por uma análise individual de risco e retorno. Isso sugere que o planejamento, embora essencial, não opera sozinho, sendo moderado por vieses de confiança e influências sociais que podem distorcer a percepção de risco.

Os resultados ainda auxiliam a implementar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU (2015), em especial a ODS 4 (Educação de Qualidade) e o ODS 1 (Erradicação da Pobreza), ao demonstrar que a capacitação financeira intencional pode ser uma estratégia eficaz na diminuição de desigualdades. A discrepância nos índices de

planejamento entre as diferentes classes de renda (IPF de 2,40 para alta renda e 1,86 para baixa renda) enfatiza a necessidade de estratégias direcionadas a grupos vulneráveis.

Os resultados que evidenciam o pouco uso de ferramentas financeiras (média de 2,033 em uma escala de 3,0) complementam as tendências de digitalização do setor financeiro mencionadas por Morgan e Long (2019), sugerindo oportunidade para a criação de soluções tecnológicas que tornem o planejamento e o controle financeiro pessoal mais acessíveis. Ademais, estratégias educacionais devem ser adaptadas às necessidades específicas de cada faixa etária devido a análise revelar padrões específicos de desenvolvimento financeiro.

Porém, é importante reconhecer as limitações, como o tamanho da amostra e sua natureza não probabilística. Ainda assim, os resultados fornecem uma boa base para pesquisas futuras e pode ser aplicada em diversos contextos regionais e socioeconômicos, ajudando a formar um conhecimento mais abrangente sobre comportamento financeiro no Brasil.

Em síntese, as similaridades com a literatura empírica concentram-se na confirmação do papel central do planejamento e da educação financeira, bem como na presença de vieses comportamentais que afetam as decisões. A literatura confirma que a educação financeira é importante, mas os resultados sugerem que, sem um foco explícito em estratégias para mitigar vieses comportamentais no consumo, o planejamento por si só se mostra insuficiente para garantir a saúde financeira.

REFERÊNCIAS

ABDUL KAREEM, A. A. et al. Factors Influencing Investment Decisions in Financial Investment Companies. *Systems*, v. 11, n. 3, p. 146, 2023. DOI: <https://doi.org/10.3390/systems11030146>. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2079-8954/11/3/146>. Acesso em: 15 out. 2025.

ARRAIS, G.; GARCIA, H.; KLOECKNER, C. O impacto da heurística da disponibilidade nas decisões financeiras. *Revista FT*, 2025.

ARAÚJO, F. B. B. et al. Diversificação de ativos, bem-estar financeiro, qualidade de vida e saúde mental: estudo no Brasil. *Revista Contabilidade & Finanças*, v. 33, n. 90, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1808-057x20221470.pt>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcf/a/D7J5cWhKbfPgjLN9g8q9M4q/?lang=pt>. Acesso em: 26 out. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIRO E DE CAPITAIS (ANBIMA). Educação financeira: um retrato das iniciativas no Brasil. São Paulo, 2024. Disponível em: https://www.anbima.com.br/data/files/9B/54/F2/61/48B5791010999579B82BA2A8/relatorio_ANBIMA_mapa_iniciativas_educacao_financeira.pdf. Acesso em: 16 out. 2025.

ASSAF NETO, A. A dinâmica das decisões financeiras. *Caderno de Estudos*, n. 16, p. 1-17, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cest/a/jdLGksTfdnXLtL9LXHltNwK/?lang=pt>. Acesso em: 09 out. 2025.

BAI, R. Impact of financial literacy, mental budgeting and self control on subjective financial well-being. *PLOS ONE*, v. 18, n. 11, p. e0294466, 2023. DOI: 10.1371/journal.pone.0294466. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0294466>. Acesso em: 19 out. 2025.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Cuidando do seu dinheiro: Gestão de Finanças Pessoais. Caderno de Educação Financeira. Brasília: BCB, 2013. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/content/cidadaniafinanceira/documentos_cidadania/Cuidando_do_seu_dinheiro_Gestao_de_Financas_Pessoais/caderno_cidadania_financeira.pdf. Acesso em: 19 out. 2025.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Relatório de Gestão do Banco Central do Brasil 2024**. Brasília, DF: BCB, 2025. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/content/publicacoes/rig/RIG_2024.pdf. Acesso em: 14 out. 2025.

BRASIL. Decreto nº 10.393, de 9 de junho de 2020. Institui a nova Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF e o Fórum Brasileiro de Educação Financeira - FBEF. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 10 jun. 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/d10393.htm. Acesso em: 19 out. 2025.

CERBASI, G. Planejamento Financeiro Pessoal: como organizar suas finanças e preparar o futuro. Rio de Janeiro: Sextante, 2023.

CFP BOARD. Guide to the 7-Step Financial Planning Process. Washington: CFP Board, 2022. Disponível em:

<https://www.cfp.net/ethics/compliance-resources/2022/01/guide-to-the-financial-planning-process>. Acesso em: 19 out. 2025.

CNDL; SPC BRASIL. Inadimplência de pessoas físicas bate novo recorde e atinge 71,86 milhões de consumidores no país. CNDL, 16 out. 2025. Disponível em:

<https://site.cndl.org.br/inadimplencia-de-pessoas-fisicas-bate-novo-recorde-e-atinge-7186-mil-hoes-de-consumidores-no-pais-aponta-cndl-e-spc-brasil/>. Acesso em: 19 out. 2025.

COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS (CVM). TOP: Planejamento Financeiro Pessoal. 2. ed. Rio de Janeiro: CVM, 2025. Disponível em:

<https://www.gov.br/investidor/pt-br/educacional/publicacoes-educacionais/livros-cvm/livro-to-p-planejamento-financeiro-pessoal/view>. Acesso em: 10 out. 2025.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO.

Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic): dezembro de 2024 e balanço anual. Brasília, DF: CNC, 2024. Disponível em:

https://portaldocomercio.org.br/publicacoes_posts/pesquisa-de-endividamento-e-inadimplencia-do-consumidor-peic-dezembro-de-2024-e-balanco-anual/. Acesso em: 14 out. 2025.

DARWISH, F. S. M. et al. Financial literacy and investment decision: an empirical study from the Palestine Stock Exchange. *Frontiers in Behavioral Economics*, v. 4, 2025. DOI: 10.3389/frbhe.2025.1444022. Disponível em:

<https://www.frontiersin.org/journals/behavioral-economics/articles/10.3389/frbhe.2025.1444022/full>. Acesso em: 01 dez. 2025.

DEHART, W. B. et al. The Effects of Financial Education on Impulsive Decision Making.

PLoS One, v. 11, n. 7, e0159561, 2016. DOI: 10.1371/journal.pone.0159561. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC4956221/>. Acesso em: 01 dez. 2025.

DORAN, G. T. There's a S.M.A.R.T. way to write management's goals and objectives. *Management Review*, v. 70, n. 11, p. 35-36, 1981.

FEBRABAN. Índice de endividamento e inadimplência das famílias sobe em agosto. São Paulo, 10 set. 2024. Disponível em: <https://portal.febraban.org.br/noticia/4324/pt-br/>. Acesso em: 10 out. 2025.

FERREIRA, J. C. A importância da educação financeira pessoal para a qualidade de vida.

Caderno de Administração, v. 11, n. 1, 2017. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/caadm/article/view/33268>. Acesso em: 09 out. 2025.

FÓRUM BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA. Relatório de Atividades do FBEF: Junho de 2020 a Junho de 2022. Brasília, DF: FBEF, 2022. Disponível em:

https://www.bcb.gov.br/content/cidadaniafinanceira/documentos_cidadania/comunicados/FBEF-Relatorio-2022.pdf. Acesso em: 14 out. 2025.

GITMAN, L. J. Princípios de administração financeira. 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

GITMAN, L. J.; JOEHNK, M. D. *Personal Financial Planning*. 15. ed. Boston: Cengage Learning, 2020.

KAHNEMAN, D.; TVERSKY, A. Prospect Theory: An Analysis of Decision under Risk. *Econometrica*, v. 47, n. 2, p. 263-291, 1979.

KIMURA, H. Finanças comportamentais. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 43, p. 88-89, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/DvmjNmMpb6NDz4SZSckbbxn/?lang=pt>. Acesso em: 11 out. 2025.

KIMURA, H.; BASSO, L. F. C.; KRAUTER, E. Finanças Comportamentais: Investigação do Comportamento Decisório dos Indivíduos. *RAE eletrônica*, v. 2, n. 1, art. 3, 2003. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rae/article/download/37062/35837>. Acesso em: 11 out. 2025.

KLAPPER, L.; LUSARDI, A.; VAN OUDHEUSDEN, P. Financial literacy around the world: insights from the Standard & Poor's ratings services global financial literacy survey. Washington: World Bank, 2015. Disponível em: https://gflec.org/wp-content/uploads/2015/11/3313-Finlit_Report_FINAL-5.11.16.pdf. Acesso em: 15 out. 2025.

MAHMOOD, F.; ARSHAD, R.; KHAN, S.; AFZAL, A.; BASHIR, M. Impact of behavioural biases on investment decisions and the moderation effect of financial literacy: evidence from Pakistan. *Acta Psychologica*, v. 247, 104303, 2024. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S000169182400180X>. Acesso em: 14 out. 2025.

MASSAFERA, F. Racionalidade e Vieses: Por que o investidor avesso ao risco não faz boas escolhas?. *Revista Economia e Políticas Públicas*, v. 12, n. 2, p. 109-135, 2024. DOI: <https://doi.org/10.46551/epp2024v12n0206>. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/economiaepoliticaspUBLICAS/article/view/705>. Acesso em: 15 out. 2025.

MILANEZ, D. Y. Finanças comportamentais no Brasil. 2003. 54 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

MORGAN, P. J.; LONG, T. Fintech and financial literacy in the Lao PDR. ADBI Working Paper Series, n. 933, Tokyo: Asian Development Bank Institute, 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: Agenda 2030. Brasília: ONU Brasil, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 19 out. 2025.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. OECD/INFE 2020 International Survey of Adult Financial Literacy. Paris: OECD Publishing, 2020. DOI: 10.1787/a0062c17-en. Disponível em: <https://www.oecd.org/financial/education/oecd-infe-2020-international-survey-of-adult-financial-literacy.pdf>. Acesso em: 19 out. 2025.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. PISA 2022 Results (Volume IV): Financial Literacy. Paris: OECD Publishing, 2024. Disponível em: https://www.oecd.org/en/publications/pisa-2022-results-volume-iv_5a849c2a-en.html. Acesso em: 11 out. 2025.

- PEREIRA, F. L.; NOBRE, L. H. N.; BRITO, I. B. C. Razão e Emoção nas decisões financeiras: uma análise da produção acadêmica. *Revista Eletrônica do Seminário de Iniciação Científica da UFERSA*, v. 30, n. 1, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufersa.edu.br/rsemic/article/view/13093>. Acesso em: 26 out. 2025.
- PICCINI, R. A. B.; PINZETTA, G. Planejamento financeiro pessoal e familiar. *Unoesc Ciência Acsa*, v. 5, n. 1, p. 95-102, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/52042242/4555-16292-1-PB.pdf>. Acesso em: 19 out. 2025.
- ROGERS, P.; SECURATO, J. R.; RIBEIRO, K. C. S. Finanças comportamentais no Brasil: um estudo comparativo. *Revista de Economia e Administração*, v. 6, n. 1, p. 49-68, jan./mar. 2007. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001622207>. Acesso em: 26 out. 2025.
- SCHIMITH, C. D.; FRAZZON, L. S.; MEDEIROS, F. S. B.; WEISE, A. D. Modelo de planejamento financeiro integrado ao planejamento estratégico pessoal. *Gestão & Conhecimento*, v. 8, n. 2, p. 26-40, 2014.
- SEBRAE. 15 ferramentas que ajudam a controlar suas finanças. 2022. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/pe/artigos/15-ferramentas-que-ajudam-a-controlar-suas-financas.99425e584deff710VgnVCM100000d701210aRCRD>. Acesso em: 12 out. 2025.
- SERASA. O que é orçamento pessoal e familiar e como organizá-lo. Blog Score, 2024. Disponível em: <https://www.serasa.com.br/score/blog/o-que-e-orcamento-pessoal-e-familiar-e-como-organiza-lo>. Acesso em: 19 out. 2025.
- SERASA. Mapa de Inadimplência e Negociação de Dívidas no Brasil. São Paulo: Serasa, 2025. Disponível em: <https://www.serasa.com.br/limpa-nome-online/blog/mapa-da-inadimplencia-e-renogociacao-d-e-dividas-no-brasil/>. Acesso em: 19 out. 2025.
- SILVA DIAS, B. et al. Hábitos Financeiros e Decisões Econômicas: Uma Análise das Percepções dos Estudantes de Ciências Contábeis. *Revista UNEMAT de Contabilidade*, v. 14, n. 27, p. 84-102, 2025. DOI: <https://doi.org/10.30681/ruc.v14i27.13445>. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ruc/article/view/13445>. Acesso em: 09 out. 2025.
- SILVEIRA, V. C.; BARBOSA, T. S.; MONTEIRO, A. N.; EDUARDO, A. S.; RIBEIRO, J. S. Estudo da Tomada de Decisões Financeiras a partir das publicações científicas nos últimos 10 anos. In: *ENCONTRO INTERNACIONAL DE GESTÃO, DESENVOLVIMENTO E INOVAÇÃO (EIGEDIN)*, 1., 2017. Anais... [Local]: [Editora], 2017.
- TORGA, E. M. M. F.; BARBOSA, F. V.; FERREIRA, B. P.; CARRIERI, A. P.; PAULA, H. C. Comportamento dos Investidores em Comunidades Virtuais: Influência Social, Emoções, Vieses Cognitivos e Poder. In: *ENCONTRO DE GESTÃO E NEGÓCIOS*, 2018, Uberlândia. Anais do EGEN 2018. Uberlândia, 2018. p. 748-763.
- VIEIRA, M. R. R.; PESSOA, F. F. Indicador de educação financeira: proposição e análise. *Revista Brasileira de Educação Financeira*, v. 12, p. 45-62, 2019.
- ZANIN, A.; GERHARDT, V. Planejamento financeiro pessoal: um estudo com os alunos do ensino médio da Escola Estadual Caramuru. *Revista de Administração da FACCAT*, v. 13, n.

1, p. 1-19, 2016. Disponível em:
<https://seer.faccat.br/index.php/administracao/article/view/1355/857>. Acesso em: 11 out.
2025.

APÊNDICE A: QUADRO DE DISTRIBUIÇÃO DO PERFIL DEMOGRÁFICO

Gênero	Idade	Ocupação	Quantidade
Feminino	18-29	Funcionário Público	1
Feminino	18-29	Assalariado	1
Feminino	18-29	Autônomo	1
Feminino	18-29	Empreendedor	1
Feminino	18-29	Não trabalha	1
Feminino	30-38	Funcionário Público	1
Feminino	30-38	Assalariado	1
Feminino	30-38	Autônomo	1
Feminino	30-38	Empreendedor	1
Feminino	39-48	Funcionário Público	1
Feminino	39-48	Assalariado	1
Feminino	39-48	Autônomo	1
Feminino	49-78	Não trabalha	1
Feminino	49-78	Empreendedor	1
Feminino	49-78	Assalariado	1
Masculino	18-29	Assalariado	1
Masculino	18-29	Autônomo	1
Masculino	18-29	Empreendedor	1
Masculino	18-29	Não trabalha	1
Masculino	30-38	Funcionário Público	1
Masculino	30-38	Assalariado	1

Masculino	30-38	Autônomo	1
Masculino	30-38	Empreendedor	1
Masculino	39-48	Funcionário Público	1
Masculino	39-48	Assalariado	1
Masculino	39-48	Autônomo	1
Masculino	49-78	Não trabalha	1
Masculino	49-78	Empreendedor	1
Masculino	49-78	Assalariado	1

APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO

Planejamento financeiro pessoal e sua influência na tomada de decisões

Este questionário tem como objetivo compreender como as pessoas lidam com suas finanças, quais hábitos adotam no dia a dia e como tomam decisões que impactam sua vida financeira. Agradeço sua colaboração!

DADOS PESSOAIS

SEÇÃO 1

1 - Qual seu gênero?

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino

2 - Qual sua idade?

- ☐ 18 a 29 anos
- ☐ 30 a 38 anos
- ☐ 39 a 48 anos
- ☐ 49 a 78 anos

3 - Qual seu estado civil?

- ☐ Solteiro
- ☐ Casado
- ☐ Divorciado
- ☐ Viúvo

4 - Qual sua escolaridade?

- ☐ Ensino Fundamental
- ☐ Ensino Médio
- ☐ Ensino Superior Completo
- ☐ Ensino Superior Incompleto
- ☐ Pós-Graduação

5 - Qual sua ocupação?

- ☐ Funcionário público
- ☐ Assalariado
- ☐ Autônomo
- ☐ Empreendedor
- ☐ Não trabalha

6 - Qual sua renda mensal?

- ☐ Até 2 Salários Mínimos
- ☐ De 2 a 5 Salários Mínimos
- ☐ Acima de 5 Salários Mínimos

QUESTÕES

SEÇÃO 2

1 - Tenho conhecimento suficiente para entender conceitos como juros, inflação e rendimento de investimentos.

- ☐ Concordo
- ☐ Concordo parcialmente
- ☐ Discordo

2 - Costumo planejar meus gastos antes de realizar compras.

- ☐ Concordo
- ☐ Concordo parcialmente
- ☐ Discordo

3 - Mantenho um controle regular dos meus gastos mensais e sei exatamente quanto gasto por mês com despesas.

- ☐ Concordo
- ☐ Concordo parcialmente
- ☐ Discordo

4 - Faço um controle de minhas despesas, utilizando ferramentas como aplicativos, planilhas ou consultorias para auxiliar no planejamento financeiro.

- ☐ Concordo
- ☐ Concordo parcialmente
- ☐ Discordo

5 - Às vezes tomo minhas decisões financeiras por impulso.

- ☐ Concordo
- ☐ Concordo parcialmente
- ☐ Discordo

6 - As opiniões de outras pessoas influenciam minhas decisões sobre como gastar ou investir meu dinheiro.

- ☐ Concordo
- ☐ Concordo parcialmente
- ☐ Discordo

7 - Elaboro planos e metas para alcançar meus objetivos financeiros para períodos maiores que um ano.

- ☐ Concordo
- ☐ Concordo parcialmente
- ☐ Discordo

8 - Evito contrair dívidas que comprometam meu orçamento mensal.

- ☐ Concordo
- ☐ Concordo parcialmente
- ☐ Discordo

9 - Invisto meu dinheiro em alternativas que tenham boas perspectivas de ganho.

- ☐ Concordo
- ☐ Concordo parcialmente
- ☐ Discordo

10 - Tenho uma reserva de emergência e, por isso, sou capaz de me reorganizar financeiramente quando enfrento imprevistos.

- ☐ Concordo
- ☐ Concordo parcialmente
- ☐ Discordo